



**ORGANIZAÇÃO DE POVOS INDÍGENAS, AFRODESCENDENTES,
TRADICIONAIS (PIAT) E ORGANIZAÇÕES COMUNITÁRIAS**

**“RECONHECENDO NOSSAS PRÁTICAS E CONHECIMENTOS
DESDE DIFERENTES PERSPECTIVAS E FORMAS DE APRENDIZADOS”**



II ENCONTRO

16-17 DE JUNHO, 2021

AO FOGO VIVO	3
IMPLEMENTAÇÃO E ROTAS DO PROCESSO DAS ORGANIZAÇÕES SOCIAIS DO PROGRAMA BUILD (2018-2021).	4
Dois têm sido os principais objetivos desde a concepção do Projeto	4
Os principais resultados do Primeiro Encontro (Cidade Do México, 25-27 de novembro, 2019)	4
2020: o ano da Pandemia e o marco divisor do projeto	5
2021: O ano das trocas	5
As principais contribuições do projeto	6
Os desafios	7
SSe faz caminho ao andar	7
IKAL ANG ´ ELEI, FRIENDS OF LAKE TURKANA (FOLT)	8
Para a reflexão conjunta	9
ANNAS RADIM SYARIF, ALIANSI MASYARAKAT ADAT NUSANTARA (AMAN)	10
Desafios	11
Ações	11
INTERCÂMBIO ENTRE ORGANIZAÇÕES MESOAMERICANAS	12
Crises recorrentes e permanentes	12
O protagonismo das organizações PIAT	13
Desafios para o fortalecimento institucional para as organizações PIAT	13
Conclusões	13
INTERCÂMBIO DE ORGANIZAÇÕES E MOVIMENTOS AFRODESCENDENTES	14
Um direito de oportunidade	14
Problemas muito semelhantes	15
Vida, alegria, esperança e liberdade	15
INTERCÂMBIO ENTRE LIDERANÇAS DE MULHERES INDÍGENAS E AFRODESCENDENTES	16
É o tempo dum novo sol	16
Defender nossos territórios não deve nos custar a vida	17
As mulheres assumimos a autoridade	17
Falamos do papel das mulheres jovens, EU sou um fruto	17
REFLEXÕES, CONFLUÊNCIAS E COMENTÁRIOS	18
Problemas e soluções propostas	18
Afinidades	19
SESSÃO PLENÁRIA	20
Ações	20
Acordos	24
ASHÉ, UBUNTU, JIWASA, WINAMBA	24
FINAL FELIZ	25

AO FOGO VIVO



Nós respiramos e harmonizamos com as energias, invocamos, agradecemos. Escutamos o RAP dos jovens quáchuas; apreciamos a marimba indonésia e a guatemalteca, recorremos os Andes ao passo do condor; e admiramos a dança Maasai e a Garífuna. Meninas da Comarca Yala e meninas e meninos de Bilwi saudaram o encontro e cantaram para a Mãe Terra.

Alegres de encontrarmos e fortalecidos em alianças, compartilhamos e dialogamos sobre como apresentar à filantropia os temas centrais identificados pelas organizações. As chamas avivam-se ao calor das energias colocadas em palavras, e com elas fluíram as ações, as lutas e as resistências, os sonhos alcançados, os penderes e os aprendizados do processo.

Uma ola desde o lago Turkana, o maior lago alcalino do planeta, nos lembrou que as nossas lutas são semelhantes, chamou-nos para celebrar a vida e lutar em solidariedade. A água é vida e acaba; não pode-se consumir, nem usar para a agricultura, devido à poluição que deixam as empresas extrativistas. Povos indígenas, afrodescendentes, tradicionais e comunidades locais no mundo sentem, sofrem e lutam por esse recurso vital da mãe terra.

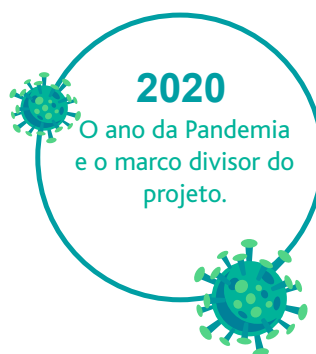
Desde a Indonésia fomos conhecendo a experiência positiva de voltar aos lugares de origem. Trata-se de que os jovens fiquem familiarizados com suas tradições e cultura, aprendam sobre a sabedoria e resiliência dos antepassados para poder administrar os territórios e os recursos naturais que contêm. Esta é uma confluência inquestionável "Nossa madre terra está nos pedindo ajuda. Não à mineração, não à exploração ilegal dos nossos territórios! Precisamos mostrar que o território não é apenas para nós, mas para a vida e todo o mundo..." clamou a voz de Roraima, e uniram-se as vozes da Mae Selva na Amazônia equatoriana e Mesoamérica; todos e todas nós viemos juntos neste II Encontro para encontrar caminhos e soluções à crise humanitária na que vivemos. Desde o pensamento Aimara, Quáchua e Guarani, opções próprias são resgatadas, para terminar com o egocentrismo, antropocentrismo e teocentrismo, e compartem na reflexão para fazer frente à exclusão, a discriminação, o despojamento e a criminalização:

Jiwasá:
"não sou eu, somos nós"

Ubuntu:
"sou porque somos"

Iyambae:
"ser livre, sem dono"

IMPLEMENTAÇÃO E ROTAS DO PROCESSO DAS ORGANIZAÇÕES SOCIAIS DO PROGRAMA BUILD (2018-2021).



Dois têm sido os principais objetivos desde a concepção do Projeto:

- Contribuir desde a identidade e apropriação do processo pelas organizações IAT para seu próprio fortalecimento organizacional e institucional, a formação duma liderança inclusiva e a sustentabilidade não apenas financeira mas social;
- Produzir uma metodologia de trocas e comunicação para visibilizar os componentes do projeto.

Este II Encontro que se faz num contexto de profundas crises atuais que afetam o continente, e o mundo. A única preocupação da nova administração norte-americana, em relação a seus vizinhos do sul, parece ser o tema migratório; é parar a migração aos Estados Unidos, não têm consciência de que não pode-se voltar ao Status Quo.

Os principais resultados do Primeiro Encontro (Cidade do México, 25-27 de novembro, 2019)

- Emergências de temas novos. Por exemplo, o tema da seguridade física das lideranças; a necessidade de transformar a visão da comunidade filantrópica e sua relação com os povos IAT;
- Mandato para realizar intercâmbios presenciais no 2020
- Encontro frutífero com a equipe BUILD da Fundação Ford e outras iniciativas do programa BUID, com o Inter Connected e Spring Strategies.

O legado mais importante do Primeiro Encontro foi a construção de um sentido de pertença e comunidade, entre as pessoas representantes e suas organizações, que sentimos hoje aqui.

2020: o ano da Pandemia e o marco divisor do projeto.

Todos temos vivenciado a tragédia e o impacto da pandemia. Em março de 2020, consultando com as organizações IAT, a proposta foi desenhada de novo. A partir da urgência gerada pela pandemia e a crise subjacente, consideraram-se três eixos de trabalho e ações que implicaram bate-papos virtuais, no segundo semestre de 2020, com seus respectivos documentos que sintetizam as diversas respostas de organizações indígenas, afrodescendentes e comunitárias do continente à pandemia:

- 🌀 Impacto da pandemia e resposta da liderança feminina;
- 🌀 Impacto da pandemia e resposta das organizações indígenas e comunitárias Mesoamericanas;
- 🌀 Impacto da pandemia e resposta de organizações afrodescendentes da América Latina.

O trabalho preparatório, para essas atividades, incluiu muita pesquisa de escritório virtual, entrevistas bilaterais e individuais, para conhecer as atividades e respostas próprias à emergência gerada pela pandemia. Com base naquele trabalho anterior de escritório, elaboraram-se documentos base e guias de perguntas usadas por os e as facilitadoras do equipe CCARC, nas suas trocas com a liderança das organizações participantes. Dos resultados obtidos, consideraram-se 3 intercâmbios para realizar-se no primeiro semestre de 2021.

Tinha-se uma crescente consciência de que a situação pós-pandemia não poderia ser voltar ao Status Quo prévio e que as organizações IAT tinham frente a se, uma crise humanitária profunda, como nos diz a professora Matilde Ribeiro, com fatores causales prévios e subjacentes.

2021: O ano das trocas

As trocas e o II Encontro implicaram um trabalho preparatório intenso de logística, formulação de documentos e convites para destacados(as) pesquisadores(as) e pensadores(as) sobre esses temas, além da preparação de cada uma das organizações participantes. Muitos de vocês participaram em alguma das trocas que aconteceram:

- 🌀 8 e 9 de abril: Intercâmbio de Organizações Indígenas e Comunitárias da Mesoamérica.
Apresentação inicial do Professor Charles R. Hale, decano de ciências sociais da Universidade de California em Santa Bárbara com a conferência "Perspetivas desde as margens racializadas; lutas territoriais e anti-racistas dos povos indígenas e afrodescendentes na Mesoamérica
- 🌀 26 e 27 de abril: Intercâmbio de Organizações Afrodescendentes
Apresentação inicial da Professora Matilde Ribeiro da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), com a conferência "Processos organizativos negros na América Latina e o Caribe" sobre a importância da Conferência Mundial contra o Racismo, de Durban, seus legados e desafios pela construção de ações afirmativas em nossa região e os desafios para o fortalecimento das organizações afro.
- 🌀 6 e 7 de maio: Intercâmbio de Organizações de Mulheres
Apresentação inicial de Juliet Hooker, professora de Ciências Políticas na Universidade de Brown, com a conferência "Lutas anti-racistas e Liderança Afro-descendente e Indígena em tempos de pandemia".

As principais contribuições do projeto

- 🎯 Avanços qualitativos na segurança identitária, resiliência e sentido de destino comum das organizações participantes.
- 🎯 Colocações de novidades, sobre o que significa Fortalecimento Organizacional e Institucional, vou fazer uso do pensamento do irmão Carlos Rosero (PCN, CONPA) que literalmente disse:

“...Quando nos falamos de fortalecimento institucional, pensamos duas coisas: o fortalecimento das organizações e do movimento negro; e, em segundo lugar, também o fortalecimento das próprias autoridades e da governabilidade nos territórios onde as comunidades moram. A partir daqui, o fortalecimento institucional tem 5 pontos: Estar organizados; Ter propostas; Ter estratégias para impulsionar essas propostas; Fortalecer o nosso pensamento próprio como organização, como comunidade ou como povo; Ter com que implementar essas propostas (pessoas formadas e recursos financeiros). Tudo isso passa por ter as pessoas, que as pessoas estejam formadas, e ter suficientes pessoas para enfrentar as diferentes atividades que temos que desenvolver.

”

- 🎯 • Continuar crescendo através de trocas virtuais e presenciais.



Avanços significativos em formação de redes e alianças entre organizações de povos indígenas e comunitários; indígenas e afrodescendentes, que provavelmente já existiam de jeito incipiente, mas tem se consolidado neste processo;



Mensagens claros das organizações PIAT à comunidade filantrópica sobre suas prioridades e sugestões à pirâmide BUILD; especialmente para que os recursos destinados aos povos originários não continuem-se canalizando através dos governos, organizações não governamentais ou outros que não fazem chegar os recursos às comunidades que precisam.

Os desafios

- 1 O principal desafio no imediato é fortalecer o ordenamento jurídico internacional que serve de suporte às reivindicações e direitos sociais e políticos dos povos IAT; que encontram-se em mãos de Estados que as irmãs e irmãos das organizações guatemaltecas chamaram: "O pacto de corruptos". Estruturas institucionais e de poder em mãos de poderes fácticos e do crime organizado; esse é o diagnóstico para grande parte dos Estados e governos nos que moram as organizações aqui participantes.
- 2 O segundo desafio é avançar no fortalecimento institucional e organizacional, em grande medida pela resposta desde a identidade própria, contra a pandemia e as crises subjacentes.

Avançar em construir lideranças inclusivas e equitativas com participação substantiva de mulheres e jovens. Tem avanços neste sentido, mas ficam grandes ações por fazer com mais intensidade.

Confrontar os poderes constituídos que pretendam voltar ao Status Quo prévio à pandemia. Os irmãos de CONPA apontam ao perigo de:



A reativação econômica da que todo mundo fala. Para a América Latina é um maior extrativismo, mais pressão sobre os territórios, mais violações aos direitos de participação e consulta prévia. Este ponto é um dos que mais estaríamos interessados em trabalhar com outras organizações negras da região.



Desenvolver comunicações e consciência do que o impacto brutal da pandemia criou novos contextos nacionais e internacionais, que não permitam voltar ao Status Quo prévio. O mundo que conhecíamos mudou radicalmente para bem ou para mal. Não tem volta pra trás. As organizações IAT devem trabalhar para construir relações sociais onde suas demandas e interesses tenham resposta.

Se faz caminho ao andar

- Desenvolver novos enfoques que deem conta de problemas inéditos, vinculados à crise climática, desaparecimento do estado de direito e ataques (físico, político, cultural, político, ideológico) para povos IAT.
- Formular e plantear às organizações filantrópicas propostas e estratégias de cooperação no longo prazo, mais acordos com os achados desta iniciativa.
- Fortalecer centros de reflexão e produção de pensamento que poderiam constituir-se em nós de recopilación, sistematização de experiências IAT internacionais, nacionais, regionais e comunitárias para retroalimentar lideranças inclusivas e organizações comunitárias e de povos IAT.
- Exigir dos Estados Nacionais "Políticas públicas de bem-estar e cuidado" para alcançar o bem comum.

IKAL ANG'ELEI, FRIENDS OF LAKE TURKANA (FOLT).



Ikal Ang'elei

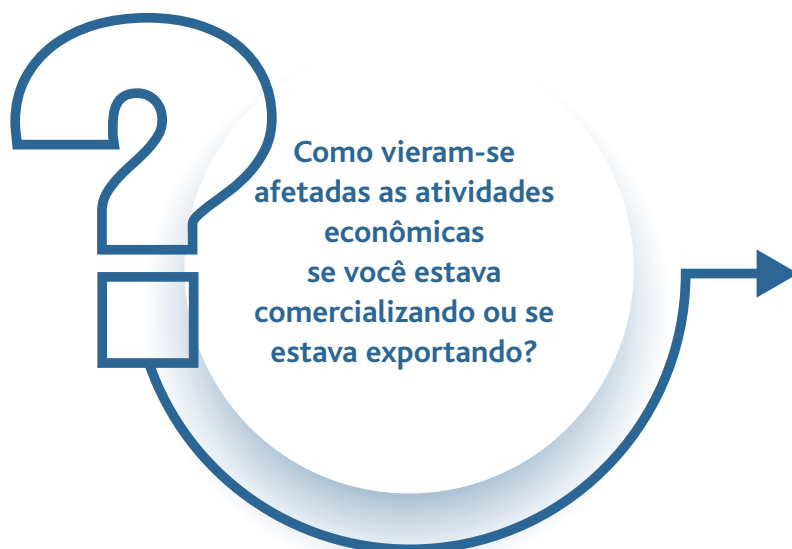
ikalangelei@gmail.com

Política e ecologista queniana laureada com o Prêmio de Meio Ambiente Goldman em 2012. As comunidades do vale do lago Turkana dependem do lago para seu sustento e sobrevivência. Amigos do Lago Turkana (FOLT) trabalha questões de meio ambiente, direitos comunitários, conservação e governança. A luta anti patriarcal expressa-se em todas as áreas do seu trabalho.

Celebramos as vidas de todos aqueles que tem-se ido antes que nós, que tem contribuído para o que fazemos e como o fazemos reconhecendo o diverso e a diversidade de nossas culturas... E assim como reconhecemos as diversa culturas, temos que reconhecer as similitudes nas normas e a forma na que levamos nosso trabalho. O sistema de valores, em termos de como levamos nosso trabalho, é muito semelhante.

Os desafios que trouxe a pandemia do COVID-19 encontraram-nos desprevenidos no nível mundial, mas também dentro dos nossos territórios. Os povos indígenas, em nossas diferentes geografias, foram capazes de olhar para dentro, de construir internamente e fortalecer-se. Debemos de pensar em como estão-se contando nossas histórias e em como nos comunicamos entre nós no meio da pandemia; apesar das dificuldades que impuseram os governos para restringir o nosso pensamento e as nossas organizações.

A maioria aqui lutamos por uma mudança na forma em que se obtém o financiamento, não apenas o dos doadores. As finanças vieram-se afetadas.



Para a reflexão conjunta

Enquanto falamos sobre como sabemos o que sabemos paramos para escutar como as pessoas pensam e olham para dentro, como foram afetadas as finanças:

A liderança é baseada em princípios enraizados nos valores e práticas culturais.

Alguns recursos não são baseados em nossos sistemas de valores; e temos que manter a independência e a autonomia que são básicos para nós.

Como eles se financiam?

Como eles se relacionam com as finanças?

Quem está-lhes financiando?

Como as atividades econômicas foram afetadas se você estava comercializando ou se estava exportando?



Os que estavam caminhando com nós continuam fazendo-o, mesmo durante estes tempos difíceis. Também estavam aqueles que não têm a intenção de continuar caminhando e nos deixariam cair no meio da pandemia. Isso é muito importante para ver e reconhecer.



Qual é nosso pensamento em torno da sustentabilidade.



Pensar em como estamos conectando às pessoas.



A importância de nossa história coletiva, a riqueza das nossas línguas e tradições, assim como a agência e o ativismo individual e coletivo.

ANNAS RADIM SYARIF, ALIANSI MASYARAKAT ADAT NUSANTARA (AMAN).



Annas Radin Syarif

Indigenous Peoples
Alliance of the Archipelago (AMAN)

AMAN trabalha num nível local, nacional e internacional para representar e advogar pela proteção adequada dos direitos dos povos indígenas, o acesso à terra e aos recursos naturais. Annas gosta da pesca, da fotografia e principalmente de brincar com seu bebê.



Os povos indígenas vivemos ameaçados de extinção porque os territórios tradicionais estão controlados pelas empresas extrativistas. Tem dificuldades para encontrar comida, pelo geral depende-se da ajuda de outros países para sobreviver. Tem comunidades que são forçadas a virar em plantações de palmares para produção de óleo.

Durante a pandemia tivemos desafios relacionados com a democracia, e especialmente na comunicação para discutir como reorientar nossa organização e a estratégia para lutar pelos direitos dos povos indígenas. Temos aprendido que as respostas para todas as crises estão na comunidade indígena. Nossa abordagem neste momento é como nos fortalecermos nós mesmos; Nos perguntamos como encorajar as comunidades para manter a ajuda entre elas. Este é um conceito econômico que queremos construir de forma segura. Entretanto, outros pontos importantes para a reflexão são:

O que a pandemia demonstrou:

Como construir a economia e alcançar o desenvolvimento econômico dos povos indígenas de forma segura? Como garantir a soberania alimentar? Poderíamos ser um pilar da alimentação nacional e mundial, isso é especialmente certo na Indonésia, porque tem muitas variedades de alimentos locais. Queremos voltar aos alimentos locais para que possamos nos desenvolver e para aumentar a resiliência. Como fortalecer as instituições para obter algum tipo de lucro ou ganho, e que o dinheiro dê resultados para a comunidade? Poder conseguir os nossos próprios negócios comunitários, entidades comerciais comunitárias e propriedade de povos indígenas.



Devemos incentivar os direitos dos povos indígenas, tanto ao nível nacional como internacional, porque é um pré-requisito para aplicar a sabedoria e o conhecimento tradicional sobre a gestão das áreas comunitárias e ser capazes de enfrentar a crise com segurança.

Devemos saber como apoiar e dar assistência passo a passo para comercializar; para comunicar sobre a planificação empresarial; em como recolher capital, aumentar a capacidade e como melhorar a tecnologia e a inovação do mercado, para dar seguimento de auditoria interna e avaliação contínua.

Significa que nossa criatividade e inovação cultural não são apenas para a felicidade da nossa comunidade, mas para todo mundo.

Desafios

A comunicação é um desafio porque somos muitas comunidades indígenas com pouca infra-estrutura de telecomunicações.

- Como construir a soberania alimentar e económica da comunidade? Temos aprendido que as respostas para todas as crises estão na comunidade indígena.

O COVID-19 é algo misterioso para os povos indígenas, não se tem memória coletiva para lidar com os vírus ou com situações que se desconhecem. Precisa-se fazer um ritual para difundi-lo na comunidade. Isto é muito importante para nós.

- Como ser sustentável nesta pandemia e durante os próximos anos? Como administramos os territórios e os recursos habituais, os recursos naturais que contém a sustentabilidade e a sabedoria de nossos antepassados?
- Como identificamos o potencial económico? Como aumentar a confiança dos povos indígenas para construir com o foco na comunidade?

Devemos conseguir construir um mecanismo sólido para confrontar as próximas crises. No futuro, devem existir fluxos inter-comunitários e inter-urbanos entre aldeias, entre os povos indígenas e outras comunidades locais; assim como entre as comunidades urbanas.

Ações



Instalaram-se 108 unidades de saúde comunitária para dar resposta à emergência, principalmente atendidas por jovens. Teve fechamento e redução do acesso desde as cidades às zonas tradicionais. Se fecharam os mercados e as escolas. Durante o confinamento, obrigaram as pessoas para voltar ou permanecer nas zonas deles.



Encorajamos à comunidade para fabricar e produzir em massa, tecidos tradicionais e produtos locais, as máscaras e a equipe de proteção pessoal.



A comunidade preparou lugares para a quarentena nos campos. Os jovens que voltavam, enquanto ajudavam no campo, faziam quarentena em condições muito boas.



Há um movimento para encorajar os jovens a voltar às cidades natais para que estejam mais familiarizados com suas tradições e cultura.



Fortaleceu-se a comunicação desde a comunidade. Por exemplo, os jovens que usam as redes sociais para informar ao público sobre suas atividades no povo. Usando o zoom se fez uma reunião nacional segura, à que assistiram cerca de 1000 pessoas.

FOOD SOVEREIGNTY AND INDIGENOUS ECONOMY a new Sustainable and Just Life



The indigenous Peoples Alliance of the Archipelago (AMAN)

INTERCÂMBIO ENTRE ORGANIZAÇÕES MESOAMERICANAS.



Silvel Elías Gramajo
silvelelias@yahoo.com

Filho do povo maia K'iche de San Vicente Buenabaj, Totonicapán. Mestre, agrônomo e geógrafo. Professor e coordenador do Programa de Estudos Rurais e Territoriais (PERT). Faculdade de Agronomia da Universidade San Carlos (FAUSAC). Fundador e assessor de Mesas de Terras Comunais (MTC) na Guatemala.

Teresita Chinchilla
tchinchilla@acofop.org

Arqueóloga pela Universidade de San Carlos da Guatemala. Vinte anos de experiência laboral, trabalho comunitário e gestão de áreas protegidas. Atualmente é Assessora da equipe da Direção Estratégica do ACOFOP. Guatemalteca, gosta de curtir o tempo em família.

Analisamos e trocamos sobre a crise que estamos vivendo e está afetando o desenvolvimento das agendas das organizações; e principalmente como enfrentam-se em termos de capacidades organizativas e de seu fortalecimento institucional. As organizações estão em crise permanente.

Discutiui-se como nos últimos 50 anos os PIAT têm visto intensificar-se a opressão e a marginação. Os temas do racismo da colonização não tem variado. As condições de pobreza nas que moram os povos (PIAT); os indicadores sociais assim o mostram. Há um grande atraso nos PIAT, em comparação com seus pares não indígenas e outros setores da população. Os países não têm adotado reformas profundas que ajudem na transformação dessa realidade, tem adotado reformas brandas e condicionadas. Afortunadamente, há um ressurgimento da consciência anti-racista, principalmente por parte dos jovens que estão tentando valorizar e entender a importância dos PIAT nesta parte do mundo.

Os governos têm caído em mãos do que chamamos Pacto de Corruptos. Enfrentamos governos que funcionam como sindicatos do crime organizado. Definitivamente esta situação vai afetar as agendas das organizações IAT sobre todo em termos de criminalização e repressão contra elas. Tendo entendido o que está acontecendo na região, olhamos um protagonismo básico, importante, das organizações PIAT.

Crises recorrentes e permanentes

- Décadas em crises políticas e sociais fazem que a pandemia instale-se em condições de vulnerabilidade que provocam efeitos desastrosos nos PIAT.
- Pressão sobre os territórios indígenas via o extrativismo que debilita as organizações nas comunidades.
- Criminalização das lideranças que defendem as terras e seus recursos.
- A crise da pandemia e a crise climática mostram a ausência do Estado e também mostra que estão conspirando, suas políticas estão facilitando a instalação de grandes negócios na região. O pacto de corruptos tem tomado controle dos governos, estamos vendo um dismantelamento dos avanços ao redor da institucionalidade, principalmente a institucionalidade em direitos humanos.



O protagonismo das organizações PIAT

- Frente à crise e às emergências climáticas, as organizações sempre têm dado atenção às pessoas nas suas áreas de influência, mas ante a ausência do Estado o assumiram totalmente. Tiveram que reorientar agendas e orçamento, mas não abandonaram os planos de trabalho que tinham organizados.
- Recuperação e fomento de práticas tradicionais para enfrentar a crise. Há resposta, solidariedade entre organizações, comunidades e vizinhos para atender a crise e voltar às origens, à produção agroecológica para apoiar as famílias desde o local. Tem sido fundamental voltar à medicina tradicional como fonte de saúde própria e para levar defesas que precisávamos ante o COVID.
- Apesar dos esforços articulados não deteve-se a pilhagem dos recursos naturais, nem o despojamento territorial, nem a criminalização contra lideranças das organizações e povos indígenas.

Desafios para o fortalecimento institucional para as organizações PIAT

- Fortalecer a institucionalidade em aspectos técnicos e organizativos, para o planejamento e formulação da gestão de projetos;
- Recursos para o fortalecimento financeiro e de segurança.
- Precisa-se aumentar a articulação entre organizações em Mesoamérica; em experiências, recursos e seria melhor fazer propostas conjuntas de longo prazo para ampliar os horizontes da luta com maior visão.
- Há que aumentar a capacidade produtiva das organizações para prevenir e enfrentar as próximas crises. Apoio para não voltar ao Status Quo de antes.
- Reforçar a institucionalidade e a agenda de direitos civis, sociais, culturais e políticos dos povos indígenas, afrodescendentes e tradicionais.

Conclusões



Continuar fortalecendo horizontes de luta com maior visão do que faz falta, ou está por vir.



Maior participação de mulheres e jovens em segurança alimentar e saúde.



Diversificar fontes de cooperação e capacidades produtivas. Por exemplo, fortalecendo o sistema alimentar que tem sido fonte de sustentabilidade.



Fortalecer a articulação e a segurança; continuar nas redes de cooperação e solidariedade.



INTERCÂMBIO DE ORGANIZAÇÕES E MOVIMENTOS AFRODESCENDENTES



Giselle dos Anjos Santos

santos.gisellea@gmail.com

Teórica do feminismo negro; especialista em gênero e raça na educação, raça e sexualidade na literatura. Autora da publicação "Somos Todas Rainhas" (2012), sobre a história das mulheres negras no Brasil e mais recentemente "Mulheres afrodescendentes na América Latina e no Caribe: Dívidas de igualdade" publicado pela CEPAL. Cores, sabores, sentidos e valores são parte das necessidades básicas da Giselle.

Um direito de oportunidade

Durante o intercâmbio de organizações e movimentos afrodescendentes falamos das lições aprendidas, a construção deste diálogo junto com a possibilidade de celebrar nossa resiliência e nossas lutas. Foi muito interessante o resultado, temos conhecido o que se tem feito em outros países e todo o aprendizado adquirido durante a pandemia; a conexão com os conhecimentos ancestrais e a experiência que tem empreendido as organizações, cada uma em seu espaço de ação; assim como a oportunidade para as mulheres e os jovens em nossas organizações.

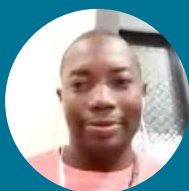
Temos muitas agendas e ideias para desenvolver, para isso, é fundamental continuar intercambiando, dialogando e aprendendo juntos. Dois pontos surgiram como o direito de oportunidade:

Aprofundar a reflexão sobre o significado do fortalecimento institucional para nossas organizações e também como utilizar este contato de crise que estamos vivendo, relacionado com a pandemia e todos os demais problemas que tem-se agravado com o COVID-19.



Desenvolver alianças estratégicas para pensar em possíveis ações conjuntas entre organizações. Um resultado muito significativo de nosso intercâmbio foi a criação dum grupo de trabalho que tem assinado alguns acordos de colaboração conjunta e a ideia é que possamos continuar.





Nahún Lalin (OFRANEH)

Coordenador de juventudes da Organização Fraternal Negra Hondurenha, e representante da OFRANE em La Ceiba. Ativista dos direitos humanos do povo garífuna.

Problemas muito semelhantes



O intercâmbio permitiu-nos conhecer cada uma das lutas que desenvolvem-se nos territórios e também conhecer as soluções que estão-se dando às problemáticas. Os problemas na OFRANEH são muito semelhantes em temas de saúde, problemas com os governos, ameaças e lutas para nos fortalecer.



Charo Mina Rojas (PCN)

Coordenadora Nacional de Lobby do Processo de Comunidades Negras (PCN) na Colômbia. Ativista de direitos humanos, advoga pela justiça e a igualdade para as mulheres, promove sociedades inclusivas e pacíficas para um desenvolvimento sustentável; com instituições efetivas e inclusivas que sejam responsáveis em todos os níveis.

Vida, alegria, esperança e liberdade

O principal desafio que confrontamos e evidenciamos neste processo é manter-nos seguros, seguras, com vida e em condições dignas. Reafirma-se manter o conteúdo e análise política nas relações com os doadores para não perder o rumo.

São desafios também a reorganização da vida e a recuperação da democracia; e em termos gerais reafirmamos em algumas lições que já estivemos experimentando. O mais novo é que a pandemia nos deixa claro que, não podemos continuar dependendo exclusivamente dos Estados, devemos voltar à raiz do nosso poder criativo.

É importante nos reconhecer. Destacou-se a importância do diálogo em direção interna num nível regional para fazer análises conjuntas, para nos reconhecer e nos fortalecer como coletivo. Neste sentido devemos continuar somando, vivemos num tempo de guerra declarada, com políticas de despojamento e morte tendentes a nos fazer desaparecer fisicamente, culturalmente, politicamente, o qual faz imprescindível formar um movimento transnacional com uma agenda de estratégias comuns. Nós dizemos "juntas somos mais e mais efetivas", e como mulheres e jovens estamos marcando a pauta, oferecendo alternativas e considerando desafios de mudanças.

Uma estratégia muito importante de sobrevivência é a luta pelo território, pelo direito à restituição dos direitos territoriais num nível rural e urbano para fortalecer as soberanias como povos. Porque com a tendência ao extermínio reafirmam-se a vigência duma posição global anti-racista que reconhece a interseção do racismo com essas outras formas de opressão capitalistas que continuam colocando nossas vidas à margem do valor humano.

INTERCÂMBIO ENTRE LIDERANÇAS DE MULHERES INDÍGENAS E AFRODESCENDENTES



**Paola Yañez
Inofuentes**

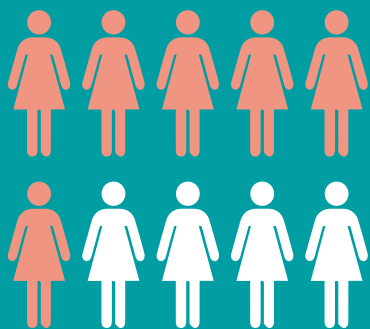
coordinaciongeneralrmaad@gmail.com

Coordinadora General de la Red de Mujeres Afro Latinoamericanas, Afro Caribeñas y de la Diáspora. Activista, facilitadora en temas de género, identidad, derechos de las mujeres, derechos de las poblaciones afrodescendientes y pueblos indígenas. La música y la danza, la promoción y gestión política por los derechos del pueblo afroboliviano son parte de su vida cultural y política.

É o tempo dum novo sol

Este é o tempo de uma nova expressão na linguagem da vida onde a empatia pelo outro, a outra e o bem coletivo substitui ao individualismo egoísta ou pelo menos está questionando-o. O intercâmbio teve em conta que a história de luta e vida das mulheres desenvolve-se em vias paralelas e em muitos momentos na mesma, enfrentamos os mesmos obstáculos dependendo do contexto. Porém, quando umas avançam facilitam o caminho para as outras, nossos caminhos são complementares e já levamos mais de dois décadas caminhando juntas ou em rotas paralelas.

Foi um espaço de análise das desigualdades e das condições históricas e estruturais do racismo, o sexismo, a discriminação étnico racial e de gênero que tem implicado nossa experiência seja distinta e que no atual contexto nos tem levado a vivenciar os efeitos da pandemia de forma desproporcionada.



As mulheres indígenas e afrodescendentes compartilhamos preocupações como a crescente violência contra as lideranças, o deslocamento forçado, a violência e a presença de grupos irregulares em nossos territórios. Mais de 60% dos assassinatos das defensoras e os defensores do meio ambiente ocorrem na América Latina (a taxa mais alta do mundo) e estas mortes estão relacionadas com o modelo de desenvolvimento, são um exercício da necropolítica.

Defender nossos territórios NÃO deve nos custar a vida

Desde a certeza de defender nossos direitos fizemos uma reflexão profunda sobre o que vivemos em Estados excludentes, em narco-estados, em sociedades neo-colonizadoras:

- A pandemia e as respostas inadequadas dos Estados Nacionais têm exposto ainda mais os padrões existentes de precariedade e desigualdades enraizadas num status de cidadania, raça, classe, gênero e sexualidade.
- Pensamos o indígena desde o âmbito urbano e desde nossa condição vivendo nas periferias.
- Violências contra as mulheres, falta de acesso à justiça e barreiras culturais ao pensar no acesso à justiça.
- Ausência de informações estatísticas desagregadas por etnia, raça, gênero que considerem as dinâmicas demográficas e particularidades socioculturais. Estamos sub-representadas na tomada de decisões.
- No atual contexto estão-se visibilizando as lideranças jovens, mas também está-se visibilizando o importante papel das mulheres avançando, apesar da sobrecarga de trabalho.
- Nossas práticas medicinais ancestrais têm se criminalizado.
- Preocupam os fundamentalismo religiosos, profundamente racistas, que desde estruturas de poder pretendem limitar o exercício dos nossos direitos.
- Acreditamos na interseccionalidade como uma rota, mas na interseccionalidade crítica para quebrar com a universalidade excludente.

Pensamos que este é o novo tempo e que será sustentado pela energia da comunidade, os conselhos, a horizontalidade, os equilíbrios complementares e o bem comum.



Elodia Castillo

Premio Alice Zachmann de 2017 para defensores de derechos humanos. Es la primera alcaldesa indígena Ch'orti' y representante legal de 48 comunidades integrantes de la Coordinadora de Asociaciones y Comunidades para el Desarrollo Integral de la Región Ch'orti' (Comundich) en Guatemala.



As mulheres assumimos a autoridade

Estamos tomando a palavra e também pegando o bastão de mando, assumindo a autoridade em nossas comunidades para defender nossos direitos como povos originários.

É preciso de muita luta para a defesa do território: os saberes ancestrais, nossos conhecimentos e a espiritualidade que reforçam nossas energias como seres humanos e o contato com a mãe natureza.

Falamos do papel das mulheres jovens, EU sou um fruto

Este espaço e alianças nos fortalece, é parte do esforço de todos levantando a voz. As mulheres e os jovens temos um desafio muito grande, uma luta coletiva onde estejamos homens e mulheres.

Afinidades

<p>FORTELECIMENTO</p>	<p>Aumentar a cooperação. (AMAN)</p> <p>Povos indígenas têm comprovado que podem ajudar para salvar outros povos da crise alimentar. (AMAN)</p>	<p>Possibilidade de aprofundar sobre a relação com os doadores. (Ad)</p> <p>Organizações em crise permanente. (MA)</p>	<p>Manter relações com doadores. (Ad)</p> <p>Crises recorrentes e permanentes. (MA)</p> <p>Protagonismo de organizações IAT. (MA)</p>	<p>Esta viagem, não é apenas financeira, mas também associação, porque não é uma coisa, é uma viagem em termos de como nós vamos e como lutamos, e lutamos dentro de nossos territórios. (LK)</p>
<p>JUVENTUDE</p>	<p>Juventude indígena, é muito importante tomar-lhes em conta. Que voltem nas suas comunidades para avançar no seu desenvolvimento e cultura. (AMAN)</p>	<p>Tomada de consciência pelos jovens. (MA)</p>	<p>Importância da luta de mulheres e jovens, é um grande reto. (Mu)</p>	
<p>SEGURANÇA</p>	<p>Defender nossos territórios não deve ser ao custo das nossas vidas. (MU)</p> <p>Devemos aumentar a resiliência comunitária. (AMAN)</p>	<p>Grupos irregulares em nosso território. (Mu)</p> <p>Crescimento de assassinatos de lideranças afrodescendentes e criminalização por parte do Estado no marco da pandemia. (Ad)</p>	<p>Porque seus territórios têm mudado para monocultivos e concessões para mineração. (AMAN)</p> <p>Muitas mulheres de nossos territórios antepassados tem dado sua vida por defender direitos. (Mu)</p>	<p>Despojamentos de nossos territórios, nossos irmãos não sobrevivem frente à crise</p> <p>Como fortalecer a soberania alimentar, porque é muito importante para combater a crise. (AMAN)</p>
<p>ESTADO</p>	<p>Capitalismo coloca as vidas em risco. (Ad)</p> <p>Pacto de corruptos. (MA)</p>	<p>Ausência, manipulação e cooptação do mercado. (MA)</p> <p>Opressão e marginalização tem-se agudizado. (MA)</p> <p>Criminalização de práticas ancestrais. (Mu)</p>	<p>Nossos governos encontram constantemente formas de restringir nosso pensamento (LK)</p>	
<p>RACISMO</p>	<p>Incluir as estratégias e análises das comunidades urbanas e rurais. (AMAN)</p>	<p>Direitos humanos e como povo. (Ad)</p>	<p>Grupos indígenas têm se atrasado em relação com os grupos não indígenas. (MA)</p>	
<p>GÊNERO</p>	<p>Que mulheres tomemos a condução em defesa dos nossos direitos. (Mu)</p> <p>Evidência que mulheres e jovens estamos marcando a pauta. (Ad)</p>	<p>Machismo e racismo nos têm levado a viver a pandemia de forma desproporcionada. (Mu)</p> <p>Sub-representação na tomada de decisões, apesar de ser a maioria. (Mu)</p>	<p>Lutas coletivas de homens e mulheres. (Mu)</p> <p>Ausência de estatísticas sobre desigualdade de gênero, escondem as lacunas e diferenças. (Mu)</p>	
<p>REDES</p>	<p>Povos indígenas têm comprovado que podem ajudar para salvar outros povos da crise alimentar. (AMAN)</p> <p>Os povos indígenas são mais resilientes ao enfrentarem a crise. (AMAN)</p>	<p>Conhecer experiências frente à crise. (Ad)</p> <p>Procuramos soluções comuns. Estamos fazendo muito. Vamos no bom caminho. (Ad).</p> <p>Não sou eu, somos nós. (Mu)</p>	<p>Desenvolver alianças estratégicas. (Ad)</p> <p>Desafios: Humanização da vida e recuperação da democracia. É precisa a criação dum movimento transnacional. (Ad)</p>	<p>Reconhecer que as nossas lutas são semelhantes. (LK)</p> <p>Grupo de trabalho com acordos de colaboração conjunta. (Ad)</p> <p>Oferecer solidariedade não apenas dentro de nossas comunidades individuais, mas também com outros povos indígenas e tribais. (LK)</p>

SESSÃO PLENÁRIA

Os temas centrais que têm sido a razão deste projeto ainda são válidos. Ao longo do processo tem-se planteado que se precisa ver as demandas de curto prazo, as estratégias e as do futuro. Levando em conta as diferenças é preciso contemplar as ameaças, organizar a defesa dos recursos para poder garantir a segurança alimentar e a vida. As terras e territórios, como espaço integral, são os ativos próprios.

Ações

1 Fortalecimento institucional e organizacional. Como o entendemos?

O FO é um dos pilares nos que podem-se definir quais são os próximos passos e para identificar quais são as urgências. Os territórios, além das ameaças históricas e das ameaças mais recentes, também têm urgências e debatem um com outro: desafios no curto prazo, com chamado para responder com coisas muito específicas, e a necessidade de construir mais articuladamente o futuro deles.



Ileana



Annas

Fortalecimento comunitário, fortalecimento das organizações indígenas tradicionais e fortalecimento da solidariedade! Desde a experiência das comunidades indígenas indonésias, o fortalecimento das organizações é a chave para garantir sua permanência no futuro.

Desde a experiência das organizações afro, o fortalecimento organizacional e institucional requer de: estar organizados, formular propostas, ter estratégias para impulsionar essas propostas, fortalecer o pensamento próprio como organização, comunidade e povo. Ter recursos financeiros e pessoas formadas para enfrentar as distintas atividades a serem desenvolvidas.



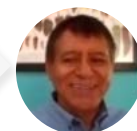
Charo y Carlos



Isabel Pasos

É preciso um fundo dedicado às mulheres indígenas e de base comunitária para acompanhar sua gestão e administração territorial.

Criar uma rede de intercâmbio de aprendizados sobre o fortalecimento institucional.

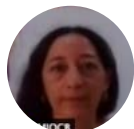


Silvel Elías

Fazer um seminário para aprofundar no debate e fazer uma publicação é de interesse para nossas organizações e em particular para as instituições filantrópicas. O FOI é um processo de aprendizado e empoderamento tanto para nós quanto para vocês. Pensar em apoiar as instituições de pesquisa que participam desde um outro lugar e partem de outras referências.



Giselle



Sandra Regina

Criar um Fundo de Reserva das organizações, para enfrentar os momentos de urgências e emergências para atender as associadas e os associados.



Angelica

No contexto regional estamos num processo de luta pelos direitos humanos e nos enfrentamos com problemáticas aprofundadas, como a fome, a pobreza, a exclusão em todos os níveis dos grupos étnicos. Enfatizo a necessidade de continuar fortalecendo as organizações e comunidades étnicas como o tem feito a Fundação Ford.



Yovani

O fluxo de caixa em nossas organizações depende majoritariamente do aporte dos nossos sócios cooperantes. Na medida que tenhamos maior autonomia financeira, seremos menos vulneráveis e com maior capacidade de resiliência.



María Guadalupe

Os territórios têm diversos tipos de população excluída, temos que reconhecer esta diversidade nas apostas das organizações indígenas, afro e tradicionais. No caso de México as Comunidades Locais temos problemas com o FO porque não há reconhecimento para as organizações sociais nem apoio do governo.

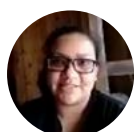
2

Como a liderança inclusiva e identitária é construída?

o compromisso das mulheres e jovens indígenas em cada processo de tomada de decisões nos trabalhos comunitários ou na organização da sociedade, impactarão no seu seguimento. O que se faz para incrementar as capacidades dos jovens e das mulheres indígenas é transferir o conhecimento das lideranças; para que este converta-se em conhecimento com significado para as futuras gerações. São eles quem vão-se converter nas seguintes lideranças e vão herdar esse conhecimento.



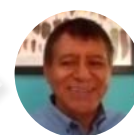
Eustobio



Isabel Pasos

A Rede de Mulheres Lideranças Territoriais da Mesoamérica é um espaço para que as mulheres encontrem-se. Antes olhávamos às mulheres apenas na parte produtiva, mas têm demonstrado capacidade de ocupar espaços de representação política para evidenciar as situações que vivem nos territórios (invasões de terras, perda de identidades dos jovens), identificam os temas e os convertem em ações nas suas organizações. Foi demonstrado que com alta participação política das mulheres nos territórios há melhor governança.

Gestão do conhecimento, consolidar um tanque de pensamento entre as organizações ajudará na criação da liderança. Com CCARC, PRISMA, MTC, CEERT e UCLA formar capacidades e gerar insumos que possam ajudar.



Silvel



Elodia

O fortalecimento institucional em torno das mulheres e jovens é luta coletiva, onde nos envolvemos homens e mulheres para lutar, estamos em luta constante.

A liderança inclusiva é um processo de muitos anos; homens e mulheres têm reconhecido suas capacidades e têm encontrado espaços para participar nas tomadas de decisão. Tem tido uma mudança de pensamento, mas os homens, sócios fundadores, têm compreendido que se ganha mais tendo as mulheres nos processos. Temos muitos eixos que fortalecer, esses espaços de troca são vitais; permitem olhar como se abordam estes temas em outros continentes e conhecê-los nos permite incluir essas abordagens.



Teresita

3

Sustentabilidade física, social, cultural, econômica e política das organizações indígenas, afrodescendentes, tradicionais e comunidades locais.



Ileana

Responder às urgências sem criar incertezas e desconfiança na população. Precisamos de olhares de longo prazo, não somos apenas organizações que resolvem emergências, mas nós temos a capacidade e possibilidade de visualizar um futuro diferente. Outra complexidade, é compreender que estamos em territórios com desafios e muitas diferenças: não são homogêneas nas visões e posturas. Estão em grandes dilemas que estão dividindo a população. Como reconhecemos a diversidade de visões que tem nos territórios? Que tipo de acompanhamento nos precisamos? É necessário articular, definir qual é a estratégia para nos articular e ganhar forças diante destes grandes desafios, sem perder a riqueza das propostas que tem se considerado neste encontro.

Sem dúvida, a articulação das comunidades e organizações deve-se dar sobre as propostas que cada organização tem construído, mas que atualmente estão desligadas. A ênfase no marco jurídico do autogoverno, autonomia territorial e direito de povos indígenas e afrodescendentes é um marco da terceira geração dos direitos humanos ainda em desenvolvimento; ainda nem bem assumido pelos Estados. Os processos emancipatórios, devem contar com uma liderança democrática sob o princípio de mandar obedecendo.



Udiel
Miranda



Joe Berra

Poderíamos pensar em encontros muito técnicos, para que as organizações representadas aqui possam influir neste marco jurídico, com a participação de ativistas de direitos humanos e advogados que possam apreender a acompanhar esses movimentos para poder influenciar neste marco emergente dos direitos humanos, principalmente no sistema Interamericano.



Eustobio

Compartilhar as experiências e logros das organizações para fortalecer a comunidade cultural que pode aportar ao fortalecimento das capacidades de cada organização indígena para seguir lutando por nossos direitos. Os povos indígenas devem assegurar a existência de alimento e o meio ambiente. Para isto é necessário que tenhamos conhecimentos que temos recebido de nossos antepassados e tecnologia do presente e do futuro. Devemos poder construir um sistema de mercado local que possa ser uma ponte de comunicação para nós e para todos, nos arredores. Devem ser reabilitados os lugares afetados pelas atividades de extração de minerais e óleo de palma e assegurar a resiliência dos povos indígenas.

É importante fortalecer, sempre, as organizações para que atuem com força em suas bases, principalmente na defesa dos nossos direitos que estão ameaçados cada dia. E eu cito, que no programa de proteção de defensores e defensoras é de muita importância para garantir a segurança de nossas lideranças que vêm-se ameaçadas pela defesa de nossos direitos.



María Betania



Galio

Os tráficos ilegais puderam ser parte do tema territorial ou alguma coisa específica. Valeria a pena compartilhar experiências de defesa e segurança que ajudem a trabalhar com o tema.

Incidir nos governos para que parem de criminalizar e perseguir, não sabemos aonde assistir para gerar acordos entre organizações, nos organizar internamente.



Nahum



Elodia

Fortalecer com as organizações internas nossas comunidades e fortalecer mais alianças entre povos e países. Apoiar e fortalecer a soberania e segurança alimentar, em muitas comunidades já está-se dando o golpe de desnutrição. É necessário salvar a água e os médios da vida nas comunidades. Devemos proteger nossos recursos, nossa luta nasceu pela água, a água é vital não pode faltar. Mulheres, jovens, e o coletivo devemos proteger nossas fontes de água e fazer alianças para sair adiante com nossas comunidades.

Propor conversações sobre quais são os impactos, ameaças e desafios que o narcotráfico está impondo em nossas comunidades. É um problema que temos na América Latina.



Carlos



Mireya Peart

Há proliferação de empresas da mineração que se estabelecem nas áreas da população indígena e afro, deterioram o meio ambiente, usando cianeto e desperdícios que são perigosos para a vida das pessoas que moram nessas áreas. Além do mais, têm que apontar que os pagamentos que realizam ao Estado são ridículos. Eles são predadores, temos que fortalecer os movimentos para se defender desses predadores porque destroem o meio de vida natural ancestral.

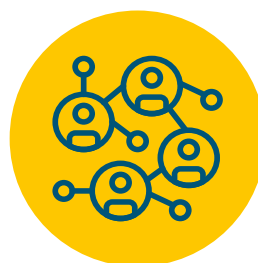
Acordos



Formar um grupo de trabalho para dar seguimento aos temas da discussão.



Seminário Internacional para aprofundar sobre o FO e tráficos ilegais,



Consolidar a rede de gestão de conhecimentos com as instituições que estão trabalhando na região como CEERT, CCARC, PRISMA, MTC.

Ashé, ubuntu, jiwasa, winamba

Enviando minhas saudações e meu amor para todos vocês. É maravilhoso vê-los e escutar suas vozes. Que tempo tem passado... Tanta perda, dor e também transformação. Desejamos muito sucesso. Que continuemos encontrando as formas de desafiar e mudar as muitas formas de violência e discriminação e de acreditar num mundo no que todos possamos viver e prosperar juntos. Eu sou porque você é. (Mallika).

Tem sido um exercício muito enriquecedor e aprecio muito este encontro de vozes, experiências e energias re-criadoras. É evidente que somos lutas comuns na necessidade de continuar articulando. Muito axé para todas, todos, todos. Sou porque somos. (Charo).

Excelente evento, sinto-me fortalecida, valoramos muito esta aliança. (Mireya).

A justiça social e climática é uma mudança muito radical que todos precisamos fazer, e é incrivelmente inspirador e posso sentir a energia de apenas estar aqui. (Ellen)

- Os temas abordados neste Encontro são muito importantes, na medida que avançamos e finalizamos o que será a segunda fase do programa BUILD, em construção. Os sentimentos levantados são realmente alentadores e temos que nos centrar nos temas; ser mais criativos para ter mais oportunidades de intercâmbios; ser mais colaborativos na medida que avançamos e desenvolvemos como serão estas coortes no futuro. (Shanice).

FINAL FELIZ



MARÍA BETHÂNIA, CONSELHO INDÍGENA DE RORAIMA

Terminamos o II Encontro muito felizes. Em nome de todas as pessoas presentes, em nome das mulheres, jovens, lideranças tradicionais nesta reunião, agradeço de todo coração as experiências compartilhadas, e os conhecimentos adquiridos. Na distância, frente às telas, conseguimos conhecer como é a realidade de cada um, unimos experiências de afrodescendentes, indígenas e tradicionais com a equipe da Fundação Ford.

Que este momento importante e brilhante para nós repita-se, que venham muitos mais e o que se tem planteado seja para o fortalecimento institucional de nossas organizações; pela defesa e proteção de nossas lideranças, territórios e defesa de nossos direitos. Nunca tem sido fácil, a luta sempre tem sido árdua, mas o que sempre deve prevalecer, é esta união na que levamos nossa resistência e direito a existir.

Apenas agradecer e manter na primeira linha esta sintonia da união, esperança e resistência.



CLEDENEUZA, MIQCB

Muito contente em todos os aspectos por este momento nosso que é parte da nossa história. Muita sabedoria por continuar.



MARGARITA, ENTREPOVOS

Chegamos ao fechamento do II Encontro com o coração lotado e muito agradecimento. A jornada virtual continua, temos criado Entrepovos.org (<http://www.entrepovos.org/>) e tem se subido documentos dos dois principais Encontros e dos três intercâmbios. A informação pode-se acessar em inglês, português, espanhol, e proximamente em Bahasa, estamos trabalhando nos detalhes finais e contatando-lhes.



ISABEL, FIMI

Vamos respirar, fechemos os olhos.

Agradecemos à vida por este encontro, pelo trabalho que realizamos com convicção; por cada oportunidade para continuar caminhando juntos e para continuar lutando por nossas causas.

**Muita luz e muita paz em nossos corações.
Fecho este Encontro com nossas energias reunidas, inalando o
aroma das flores e salvando a luz que temos recebido.**



WWW.CCARCRESEARCH.ORG



WWW.FORDFOUNDATION.ORG



WWW.ENTREPOVOS.ORG